

## **Eixo N° 1:** Hoje, “no começo está a transferência”? E se não, então como?

**Coordenadores:** Beatriz García Moreno (NELcf. Bogotá, Colombia) / Silvana Di Rienzo (NELcf. Ciudad de México, México).

**Integrantes:** Estela Castillo (Caracas, Venezuela), Carlos Chávez (Bogotá, Colombia), Juan de León Chivalán (Guatemala, Guatemala), Guida Díaz (Guatemala, Guatemala), Daniela Dighero (Santiago, Chile), Alejandra Escudero (Morelia, México), Carlos Gallegos (Morelia, México), María del Carmen García (Ciudad de México, México), Paola Grajales (Bogotá, Colombia), Stephanie Rudeke (Guatemala, Guatemala), Andreina Solórzano (Ciudad de México, México), Astrid Torres (San Luis Potosí, México), Marianna Tulli (Maracaibo, Venezuela).

A pergunta proposta à dupla começa com uma referência temporal, hoje, o que nos sugeriu abordar a questão em duas direções: a primeira, pensar a instalação da transferência e seus escolhos em relação aos pedidos de consulta a partir dos efeitos singulares naqueles que procuram um analista, a partir de algumas coordenadas que atravessam a contemporaneidade; a segunda, baseada na prática analítica orientada pelo último ensino de Lacan e pelas elucidações que faz dele Jacques-Alain Miller, nas quais enfatiza desde o início a orientação pelo real. Ambas as direções não são excludentes, pelo contrário, convergem na indagação sobre a instalação da transferência no início da experiência analítica e põem à prova o modo como fazemos existir a psicanálise hoje.

Situamos o início no tempo das entrevistas preliminares que acontecem entre o pedido de atendimento e a entrada em análise, que implica uma descontinuidade, um corte que sanciona a implicação subjetiva, a experiência do inconsciente com a consequente emergência do sujeito e formalização do sintoma analítico. Este começo requer a transferência e o consentimento de quem consulta e do analista.

No tempo das entrevistas preliminares, cuja duração diz respeito ao caso a caso, o analista joga sua partida e manobra apostando que a transferência se precipite, como uma operação necessária para que uma análise seja possível, mesmo hoje quando alguns pedidos de atendimento necessitam um tempo prévio às entrevistas preliminares, para propiciar que se coloque em circulação a própria palavra.

## **Algumas coordenadas dos primeiros encontros, hoje**

Começamos por dizer, sem esquecer que trabalhamos com o um a um, que certos traços da época produzem efeitos singulares sobre aqueles que chegam ao atendimento, que dificultam a colocação em ato da experiência analítica. Entre eles destacamos.

A desvalorização da palavra e do relato e o domínio da comunicação virtual, baseada em breves mensagens de texto e *emoticons*. Por vezes, nos primeiros encontros, apresenta-se certa dificuldade com a palavra que se apresenta, seja pela sua escassez, silêncios, monossílabos, seja pelo seu excesso sem ancoragem. Pode-se falar sem parar, passando de um assunto a outro metonimicamente, como se tudo fosse a mesma coisa, sem acusar recebimento de assinalamentos, perguntas ou cortes da entrevista. Com exceção de certos casos de psicose e autismo, cujos tratamentos são conduzidos a partir de outras coordenadas, quem se dirige a um analista tem que dispor de certo gozo da palavra, falar do que o faz sofrer, da sua história para chegar a *hystorizar*. Não contar com esse gozo da palavra pode se tornar um obstáculo para a instalação da transferência.

O analista, desde esses primeiros encontros, escuta não apenas o desdobramento significativo, o relato, a queixa, mas também as palavras com a carga de gozo, desconhecida para quem fala, instalada na *lalíngua* singular de cada um. O analista advertido deve encontrar formas de agarrar algo do gozo que ali se manifesta.

Outra característica da época é a sua vertiginosa temporalidade atravessada pelo registro da rapidez como sinal de eficácia, expressa em respostas e soluções rápidas e efetivas. Essa característica difere do tempo que o inconsciente requer para sua manifestação, da pressa própria do real que urge e irrompe com a angústia que lhe é própria, e da lógica analítica que se ajusta a cada caso. Não é de estranhar que em um primeiro encontro quem busca atendimento pergunte sobre o tempo que levaria para uma melhora.

A época também apresenta traços particulares, com o saber reduzido a manuais e fórmulas que circulam nos discursos do Outro social. É frequente o paciente chegar com um “diagnóstico” sobre seu sofrimento: ataques de pânico, depressão, ansiedade, etcétera, e com alguma explicação de sua causa. Ele pode dizer ao analista: “Já sei o que tenho e o que causa isso. O que devo fazer para que desapareça ou para controlá-lo?” Todas essas

situações podem ser acolhidas, escutadas, indagadas e lidas pelo analista, com o propósito de dar lugar à palavra, de conseguir que alguma intervenção tenha efeitos interpretativos e precipite o desejo de saber e a transferência, colocados em xeque na época do Outro que não existe.

Esses pedidos de atendimento com características da época, que pareceriam ser um obstáculo para que a transferência se instale, requerem um analista que, com suas manobras, intervenções e paciência, abra caminho para o inconsciente. “Assim, quando se tenta desencadear um furacão, é preciso estar localizado no olho. Muito tranquilo, muito sereno”<sup>1</sup>, como indica Miller em *Todo el mundo es loco* com relação à posição do analista: estar no olho, fazer uma pausa, não se deixar levar quando tudo vai muito rápido. São necessários o tempo e a paciência, seja para tentar causar a palavra quando esta é esquivada, seja para que o dizer emaranhado de quem nos procura possa ser desdobrado, para que os significantes que o representam possam ser escutados e lidos, de modo que vá encontrando sua forma singular. Mesmo quando nesses primeiros encontros se apresentam corpos atravessados por transbordamentos, sem palavra, a paciência que implica enfrentar o real é requerida.

Quando a palavra ou sua falta se tornam um obstáculo, quando o inconsciente transferencial aparece esquivo, tanto no que diz respeito ao saber quanto no que diz respeito à libido, orientar-nos, desde o início, pelo sintoma em sua face de gozo opaco que itera, nos permitirá manobrar visando propiciar o enodamento da transferência e ocupar o lugar do analista. No entanto, além da pausa e da paciência para a escuta e a leitura, é necessário o consentimento ao ato do lado do analista, para localizar algo do dizer singular, e do lado de quem busca atendimento, para assumir sua responsabilidade subjetiva e se deixar surpreender por isso próprio que é o mais alheio, o *éxtimo*.

Embora, com o último ensino de Lacan, os princípios que orientam a prática não tenham mudado, mudaram as formas de ocupar a posição do analista, de acolher as demandas dos pedidos iniciais e de operar nas entrevistas preliminares, permitindo assim localizar o lugar transferencial que convém em cada caso.

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., (2006-2007) *Todo el mundo es loco*, Paidós, Buenos Aires, 2015, p. 12. Tradução livre.

## **Particularidades na instalação da transferência, hoje**

Na época do Outro que não existe, dos Uns sozinhos, da forclusão generalizada, de todo mundo é louco, continuamos afirmando que a transferência é o pivô da análise. Embora encontremos diferentes modalidades para seu estabelecimento, sem ela a experiência analítica não seria possível. Faz-se necessário reconsiderar a estratégia da transferência diante das marcas da época, do encontro do  $S_1$  desligado do  $S_2$ , como condição discurso e do inconsciente transferencial; e, também diante do que implica para o analista orientar-se pelo real, como Lacan precisou em seu último ensino, não como um impossível, um limite ao sentido, mas como um real que se refere ao gozo do corpo, fora da lógica significante.

Lacan, desde suas primeiras formulações, coloca o sujeito suposto saber como pivô da transferência, do qual o analista se servirá para fazer dele um semblante. Advertido de que o saber se encontra do lado do paciente, o analista o convida a falar em busca de que o sujeito deslize nos significantes que se desdobram, atento a qualquer oportunidade para sua intervenção. A vertente da transferência vinculada ao desejo de saber é necessária para a abertura do inconsciente transferencial que permite que surja o sujeito em sua falta-a-ser e a aparição dos significantes-mestre que o representam.

Lacan, desde o início, situa outra vertente da transferência ligada ao libidinal, à colocação em ato da realidade sexual do inconsciente. Lacan precisa essa vertente em seu último ensino, quando o objeto é lido como semblante, e o real é referido, como especifica Miller em *Ser y el Uno*, ao furo constitutivo do *fallasser*, o qual não corresponde a uma ontologia do sujeito, mas ao encontro com o Um sozinho do gozo que não produz comunidade, com o gozo opaco e autista do sintoma que parece reduzir a transferência a um querer saber sobre o gozo. Nessa orientação, a passagem do sujeito ao *fallasser*, o 'há gozo do Um' coloca-se ao lado do 'não há relação sexual'. O inconsciente transferencial, a própria fantasia, passam à categoria de construções, de semblantes que recobrem aquilo que não há; a formas de lidar com o furo, com o significante em sua materialidade de letra que o contorna e inaugura a experiência de gozo.

Desde o começo, a orientação pelo real requer da escuta e da leitura que permitam começar a localizar a *lalíngua* do *falasser*; fazer vacilar os semblantes, reduzir seus sentidos e valer-se da interpretação para fazer ressoar o gozo que habita o corpo, fora de qualquer significação. Para que o analista possa operar a partir dessa perspectiva do real, é necessária a instalação da transferência e a produção do inconsciente transferencial.

O último ensino de Lacan esclarece o que é do ser e o que é da existência. O sujeito do inconsciente é definido por Lacan pela sua falta-a-ser e, portanto, pelo desejo de saber o sentido daquilo que lhe causa sofrimento. Nas entrevistas preliminares, convida-se a falar sobre isso com o propósito de que se instale a transferência, que se produza a retificação subjetiva e a formalização de um sintoma analítico em que o gozo opaco comece a ressoar, não em sua face de verdade em relação ao sentido, mas em sua face de um gozo que permanece fixo, que se enraíza na repetição inesgotável do mesmo Um, que se presta à leitura fora de sentido, à letra, à materialidade da escrita.

Hoje, em muitas ocasiões, nas primeiras entrevistas, o paciente apresenta seu sintoma em sua face de gozo opaco e pouco ou nada pode dizer sobre isso, “é o que é”. Diante disso, a instalação da transferência requer docilidade, flexibilidade e paciência do analista para suportar o real em jogo e manejar a partir da posição daquele segue, do que escuta, do que sabe, do que faz escolha, para a construção de um laço transferencial que situe o desejo de saber sobre o gozo como possibilidade da experiência analítica.

Revisão da tradução: Ruth Jeunon e Paola Salinas  
Revisão: Luis Francisco Camargo

## **Bibliografia**

Lacan, J., (1964) *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, pp. 119-152.

Laurent, E., (2018) “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência”. *Opção Lacaniana* – Revista Brasileira de Internacional de Psicanálise. São Paulo. Edições Eolia, n. 79, julho de 2018.

Miller, J.-A., (2006-2007) *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires, Paidós, 2012.

Miller, J.-A., (2011). *El ser y el uno*, Inédito.

Miller, J.-A., (2006-2007) *Todo el mundo es loco*, Paidós, Buenos Aires, 2015.

Miller, J.-A., *Ler um sintoma. In: Opção Lacaniana*, n. 70. São Paulo: Eolia, 2015.

Miller, J.-A., e outros, *A ordem simbólica no século XXI. Não é mais o que era. Quais as consequências para o tratamento?* Textos preparatórios para o VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Buenos Aires, abril de 2012, Belo Horizonte, Scriptum, 2011, pp. 109-137.

Salman, S., “Lo que resta de la transferencia al final del análisis”. *Consecuencias, Revista digital de psicanálise, arte e pensamento*, n.º 2, nov, 2008.